

ATRAVÉS DE SEUS OLHOS

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Pode não parecer, mas descrever uma cena, uma pessoa, um objeto é um ato complexo. Descrever é desenhar com palavras para que o seu interlocutor possa visualizar aquilo que se passa em sua mente. O ponto de vista do observador varia conforme sua percepção, e o que salta aos olhos para um pode estar oculto para outro. A vivência e a sensibilidade de quem descreve também influenciam na imagem que se projeta. Pequenos detalhes, aparentemente irrelevantes, tornam-se peças essenciais no momento de assumirmos “os olhos” do outro.

Leia a crônica de Walcyr Carrasco, reproduzida a seguir, e imagine-se no lugar da personagem responsável por descrever as obras ao amigo. A diferença entre ela e você é que seu texto deverá ser escrito, em vez de falado. Para isso, confira as dicas abaixo:

- Escolha uma das opções de imagens fornecidas a seguir e reserve alguns minutos para observá-la com cuidado: o que você vê? Algum elemento chama sua atenção em especial? A tela lhe provoca algum sentimento? Preste atenção em detalhes como cores, altura, dimensões, características físicas, sensações, perspectivas etc.
- Analisada a obra, faça anotações acerca de tudo que acha importante incluir.
- Ao se referir a cores, busque ser bastante específico, sem deixar de lado a clareza das informações. Por exemplo, em vez de dizer “azul-claro”, prefira uma comparação do tipo: “um azul como um céu sem nuvens, de uma tarde de primavera”. Abuse de adjetivos e procure atrelar sentimentos aos detalhes descritos.
- Como se trata de um texto estático, procure salientar detalhes que tornem a imagem descrita única, despertando, assim, o interesse do leitor.
- Para concluir sua descrição, encontre um adjetivo que possa descrever a imagem como um todo. Pode ser uma característica ou uma impressão sua sobre toda a obra.

OPÇÃO 1



Moça com o brinco de pérola

Artista: Johannes Vermeer

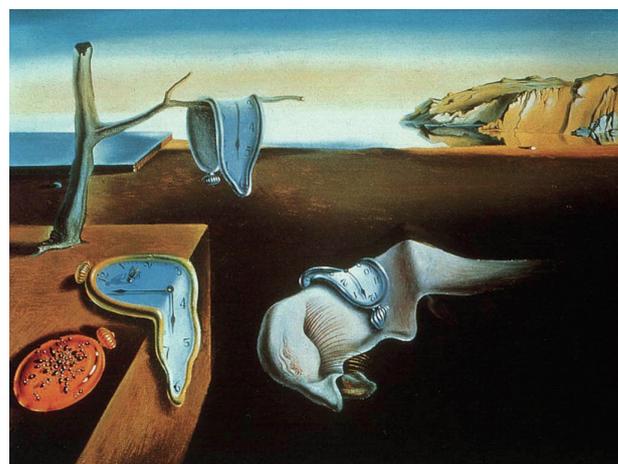
Dimensões: 44 cm x 39 cm

Localização: Museu Mauritshuis, em Haia

Ano: 1665

Técnica: Óleo sobre tela

OPÇÃO 2



A persistência da memória

Artista: Salvador Dalí

Dimensões: 24 cm x 33 cm

Localização: Museu de Arte Moderna (desde 1934)

Ano: 1931

Técnica: Óleo sobre tela

OPÇÃO 3



As meninas

Artista: Diego Velázquez
 Dimensões: 3,18 m x 2,76 m
 Localização: Museu do Prado
 Ano: 1656
 Técnica: Óleo sobre tela

TEXTO 1

O cego, Renoir, Van Gogh e o resto

Vistos de costas, pareciam apenas dois amigos conversando diante do quadro Rosa e Azul, de Renoir, comentando o quadro. Porém, quem prestasse atenção nos dois perceberia, e talvez estranhasse, que um deles, o de elegantes óculos de sol, parecia um pouco desinteressado, apesar de todo o empenho do outro, traduzido em gestos e eloquência quase murmurada. O que dava ao de óculos a aparência de desatento era a cabeça, um pouco baixa demais para quem estivesse olhando o quadro, cabeça que também não estava de frente, mas um pouco virada para a direita com relação à pintura, como se ele enfocasse outra coisa, a assinatura de Van Gogh no pé do quadro vizinho, por exemplo.

O que falava segurava às vezes o antebraço do de óculos com uma intimidade solícita e confiante. Como se fossem amantes.

Aproximei-me do quadro, fingindo olhar de perto a técnica do pintor, voltei-me e percebi: o de óculos escuros era cego. Cego! O que fazia um cego no Masp? Ninguém parecia interessado neles; nem o guarda, treinado para olhar pessoas em vez de quadros.

De perto, pude ouvir o que falava:

— ... os olhos dessa menina de rosa brilham como se estivessem marejados, como se ela estivesse a ponto de chorar, e a boca, de um rosa muito vivo, quase vermelho, ajuda a dar essa impressão, parece que se contrai. É muito mágico, não se pode ter certeza. Por cima do corpinho do vestido ela usa uma espécie de colete também

de musselina rosa franzida, adornada por uma espécie de babado de alto a baixo.

— Você já falou “espécie de” três vezes.

— Tá bom, vou evitar. Essa... esse colete é preso na cintura por uma faixa bem larga de cetim cor-de-rosa, larga mesmo, de quase um palmo, usada como cinto.

Ela tem o dedo polegar da mão direita enfiado nessa espécie de, perdão, nessa faixa de cetim, o que parece um truque do pintor para dar movimento ao braço e graça infantil à figura da menina.

Algo extraordinário acontecia ali, que eu só compreendia na superfície: um homem descrevendo para um amigo cego um quadro de Renoir. Por que tantos detalhes?

— A saia rodada franzidinha é do mesmo tecido cheio de luz. As meias são de uma tal transparência diáfana rosada que mal se destacam das perninhas sadias dela.

Vão até a metade da perna, e os sapatos são pretos de alcinha com uma fivela, não, não é uma fivela, é um enfeite dourado, um na alça e outro no peito do pé, bem discretos. Ela dá a mão esquerda para uma outra menina de vestido igualzinho ao dela, só que em azul, bem brilhante, e ela tem os cabelos mais claros.

— Azul como quê? Fale mais desse azul – pediu o cego, como se precisasse completar alguma coisa dentro de si.

— É um azul-claro, muito claro, um azul que tem movimento e transparência e muita luz, um azul tremulando, azul como o de uma piscina muito limpa erigida pelo vento, uma piscina em que o sol se reflete e que tremula em mil pequenos reflexos... Lembra-se daquela piscina em Amalfi?

— Lembro... lembro... – e sacudia a cabeça, reforçando.

— É parecido. A menina de azul é um pouquinho mais alta e está quase sorrindo... o contrário da outra. Parecem irmãs, devem ser irmãs, mas ela tem os cabelos mais claros, louros mesmo, e mais compridos. A mão esquerda dela tem um movimento gracioso, como se ela segurasse com o indicador e o polegar um raio de luz do vestido brilhante...

Afastei-me, olhei-os de longe. Roupas coloridas, esportivas. Depois de poucos minutos, passaram para outro quadro, de Van Gogh. Pouco a pouco a compreensão do que faziam ali me inundou, e fechei os olhos para ver melhor. O guarda treinado para vigiar pessoas estava ao meu lado e contou, aos arrancos:

— Eles vêm muito aqui. Só conversam sobre um quadro ou dois de cada vez. É que o cego se cansa. Era fotógrafo, ficou assim de desastre. É cego mas é rico.

Disse rico como se fosse uma compensação justa. O mistério da alma humana não o inquietava, aquela necessidade de ver, dentro do não ver. A construção de um quadro na mente de alguém por meio de palavras. Não o tocava a dedicação do narrador de quadros – seria amor? –, o seu esforço amoroso de fazer as palavras brilharem como tinta, concretas.

Saí, passei por eles, ocupados em pintar O Filho do Carteiro, de Van Gogh:

— ... um amarrotado boné de carteiro, azul-marinho com debruns dourados na pala e na copa, e tem olhos azuis muito abertos, como que assustado...

Ivan Angelo. O comprador de aventuras e outras crônicas. São Paulo: Ática, 2000. Disponível em: <<http://selmainescampbell.blogspot.com.br/2013/10/o-cego-renoir-van-gogh-e-o-resto.html>>.

 IMAGEM 1
**Rosa e azul**

Famosa pintura do artista impressionista francês Pierre-Auguste Renoir. A obra retrata as irmãs Alice e Elisabeth, filhas do banqueiro judeu Louis Raphael Cahen d'Anvers.

Dimensões: 1,19 m x 74 cm

Localização: Museu de Arte de São Paulo

Ano: 1881

Técnica: Óleo sobre tela

 IMAGEM 2
**O filho do carteiro**

Artista: Vincent van Gogh

Dimensões: 64 cm × 54 cm

Localização: Museu de Arte de São Paulo

Ano: 1888

Técnica: Óleo sobre tela

*Todos os links foram acessados em: 14 mar. 2018.

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

A partir do conteúdo dos textos apresentados e com base em seus conhecimentos e impressões, componha uma descrição de uma das obras apresentadas. Seu texto deverá estar de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, possuir um título e respeitar o limite máximo de 30 linhas. Lembre-se de que, ao utilizar palavras de baixo calão, ferir qualquer princípio dos direitos humanos ou realizar cópia do(s) texto(s) motivador(es), sua redação será desqualificada.

Bom trabalho!

Professora Fernanda Baccaro